

URBANISMO ■ População reclama: 17 anos depois, Burle Marx é só lixo

Comunidade cobra medidas para parque virar realidade

Cristiane Madeira

Há 17 anos, o Governo do Distrito Federal decidiu construir o Parque Burle Marx para servir a população de Brasília da mesma forma que o Parque da Cidade, da Asa Sul. Mas os 312 hectares destinados à área continuam abandonados até hoje, servindo como depósito de lixo e moradia improvisada para moradores de rua que chegam a Brasília dos mais diversos Estados.

A situação causa insegurança para os moradores e comerciantes da Asa Norte, além de contribuir para o aumento de danos ao meio ambiente em razão do acúmulo de lixo. Apesar disso, o GDF ainda não tem um projeto pronto para a construção do parque e nem mesmo prazo para começar as obras e resolver essas questões.

A preocupação com o futuro do local foi tema de audiência pública realizada ontem, no auditório da Paróquia Nossa Senhora da Consolata, da 913 Norte. Representantes do governo admitem que foram pegos de surpresa com o encontro, justamente porque ainda não há como definir data para o começo das obras.

Este ano, o governador José Roberto Arruda (DEM) nomeou o professor Ênio Dutra gerente de planejamento estratégico do Parque Burle Marx na



Parque Burle Marx: até hoje sem projeto, apenas um terreno baldio

Secretaria de Planejamento. Tirar o parque do papel virou uma meta do atual governo porque o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) condicionou a licença para a construção do Noroeste – setor de moradias de classe média – à implantação do Burle Marx.

O Noroeste deverá seguir o modelo das superquadras do Plano Piloto. Prédios residenciais terão comércio locais e critérios definidos por meio de um projeto urbanístico local.

Ênio Dutra assumiu o projeto praticamente na estaca zero. Segundo ele, quando assumiu o cargo, encontrou pronto apenas

o Relatório de Impacto Ambiental, que pôde ser aproveitado.

Em maio, o Ibama liberou a licença prévia para a realização dos estudos, que serão feitos pelo escritório do arquiteto Jaime Lerner, ex-governador do Paraná. O arquiteto deverá levar em consideração as 42 condicionantes que o Ibama impôs para emitir a licença de instalação, que permitirá o início das obras de infra-estrutura, que deverão consumir R\$ 5 milhões, inicialmente.

A proposta do urbanista prevê museus, espaços culturais, praças e áreas de lazer ao longo dos 312 hectares.

O próximo passo, segundo o

administrador de Brasília, Ricardo Pires, que também participou da audiência, é concluir o plano de manejo, que levará em conta as etapas para implementação do parque, como recuperação das áreas degradadas, cercamento e retirada dos moradores de rua.

– Falta definir um local para levar o lixo que é indevidamente depositado lá, além de encontrar uma forma de dar moradia às pessoas que se instalam na área do parque – disse o administrador, que também defende a detenção das pessoas que voltem a improvisar moradias no Burle Marx depois de terem sido retiradas, além da apreensão de carroças e cavalos. O parque chegou a ser cercado, mas os moradores de rua retiraram tudo o que se colocou.

O presidente da Associação dos Amigos do Parque Ecológico Norte, Benício de Lima, acusou o GDF e as diversas gestões de não fazerem nada de efetivo pela implantação do parque, e reclamou da falta de preocupação do governo com a sociedade.

– As decisões são tomadas na calada da noite e a comunidade não é ouvida – disse.

O professor Ênio Dutra ressaltou que as ações estão encaminhadas e que o projeto do Parque Burle Marx não ficará mais parado porque o governador Arruda priorizou o setor Noroeste. Por enquanto, eles já têm definido onde ficará o depósito do Departamento de Trânsito do DF (Detran-DF), que hoje funciona em frente ao Autódromo. O depósito será transferido para um terreno ao lado do Carrefour da Asa Norte.